

Analizando e datando expressões brasileiras: A-E

Jean Lauand¹

Resumo: O artigo apresenta alguns verbetes de expressões brasileiras, buscando esclarecer seu uso, datação e sentido.

Palavras Chave: expressões brasileiras. uso, datação e sentido.

Abstract: This article presents some expressions of Brazilian slang and idioms on their datation, meaning and usage.

Keywords: Brazilian slang. Brazilian idioms. datation. meaning.

Expressões brasileiras, seu significado e datação

Este artigo é dedicado a comentar e, na medida do possível, datar a aparição em nossa imprensa de algumas expressões brasileiras .

Para a elaboração destes verbetes comentados, contamos com a preciosa ferramenta para estudos de fraseologia: o imenso banco de dados da Hemeroteca da Biblioteca Nacional (abreviaremos por BN), que permite a consulta *on-line* de milhares de periódicos, desde o surgimento da Imprensa brasileira, no início do século XIX. Em cada citação (na qual manteremos a grafia da época), indicamos o órgão de imprensa, a data de publicação e o Estado da Federação do qual ela procede.

Acabou-se o que era doce

A rima ajuda a persistência de uma expressão – como em “Água mole em pedra dura, tanto bate até que fura” – e, assim, “Acabou-se o que era doce” é já centenária na BN. Indica o fim de algo bom, em geral um privilégio (ou mamata...). Sua primeira ocorrência na BN dá-se no título de uma notícia que dava conta do fim do “dolce far niente” da sinecura de dez anos de um General em Paris.

Acabou-se o que era doce

O Governo mandou regressar o General Leite de Castro.
 (“A Esquerda” RJ, 19-03-1928)

Amolar (incomodar) e Ensebar (“enrolar”)

Os mais velhos bem se lembrarão: muito antes das atuais bolas de couro sintético, nos jogos e peladas de antigamente (nos tempos da “bola de capotão”), parte do ritual pré-partida era ensebar a ressecada bola.

¹. Professor Titular Sênior da FEUSP. Professor Colaborador do Colégio Luterano São Paulo. jeanlaua@usp.br.



Alguém da turminha tinha previamente obtido com o açougueiro retalhos de sebo para engordurar a superfície da pelota. Havia até uma certa distinção associada a essa tarefa e frequentemente o encarregado – por perfeccionismo ou por exibicionismo – demorava-se demasiadamente nesse ato. Daí nasceu a gíria para “enrolação”: “Ensebar: tornar algo mais difícil ou demorado, complicar. ‘Deixe de ensebar, vamos logo com isso’ (Houaiss). Assim, o “Jornal dos Sports” (RJ, 07-04-1967), diz da defesa do Atlético Mineiro:

Para começar, a defesa não brinca em serviço. Não é defesa de ensebar a bola na área.

Já no sentido oposto de “pendurar as chuteiras”, havia a gíria “ensebar as chuteiras”: manifestar a disposição de permanecer na ativa. Quando Zagalo, Telê e Zózimo subitamente ressurgiram para o palco nobre do futebol (mesmo tendo atavessado “o perigoso muro dos 33 carnavais”), o “Jornal dos Sports” (RJ, 07-10-1965) comenta que esse fato motivou colegas e:

outros se manifestaram ensebando as chuteiras para seguir o mesmo caminho, carregando o pêso, no mínimo, dos mesmos anos.

A análise de “ensebar” nos dá uma pista para esclarecer um enigma semântico mais do que sesquicentenário: por que “amolar” é usado em sentido figurado como “aborrecer, importunar, maçar”: “não me amole”, “vai amolar o outro”, ou remetendo a instâncias maiores: “vai amolar o boi”?

Desde 1869 (“Voz da Verdade”, SC) aparece na BN com esse significado:

– Negro, não me amoles, vai te embora!

Já “amolar o boi” aparece na BN no começo do século XX, em “O Malho” (RJ, 15-10-1904). E “amolar (o) outro”, comparece na BN já no fim do século XX (“Jornal do Commercio” RJ, 19-09-1891).

A extensão metafórica de sentido talvez se baseie no fato de que a ação de afiar é por natureza desgastante e envolve – no caso da alça de couro da cadeira do barbeiro que afia a navalha – a repetição persistente do ir e vir da lâmina: tal como a “amolação” que o chato exerce sobre sua vítima...



Ou a mais agressiva e faiscante amolação de facas no rebolo:



(tirar a) Barriga da miséria

A expressão surge na BN no começo da década de 1910 e logo se difunde na imprensa nacional. A primeira aparição na BN dá-se em crônica sobre os irreduzíveis “rebeldes” nativos nas guerras da Espanha no Marrocos:

São profundamente rapinantes e as suas guerras ou incursões não são muitas vezes mais do que um pretexto de tirarem a barriga da miséria.

(“Correio Paulistano”, 05-02-1912)

Bate-boca



(<https://www.youtube.com/watch?v=3eSZcCq0Gf4>)

A mídia foi unânime em descrever como “bate-boca” o encontro de Trump e Zelensky na Casa Branca em 28-02-2025.

Muito expressiva de elevado índice de aspereza em uma discussão (beirando as vias de fato), “bate-boca” tem sido muito utilizada – já há cerca de 150 anos – na linguagem popular. Sua primeira aparição na BN dá-se em “O Monitor” (BA) em 16-10-1878:

Oh! Saíamos dessa guerra civil, incendiada pelo *bate bocca* dos jornaes...

Bater na mesma tecla

Repisar um assunto, um tema, insistentemente (Houaiss). Com a popularização do piano no Rio de Janeiro, em meados do século XIX, acabou por aparecer a metáfora de bater (ou “tocar”) sempre a mesma tecla. A expressão surge na BN, no jornal “A Republica (RJ, 05-02-1873), em viva polêmica com o diário monarquista “A Nação” (a “ultra-democratica” contra a “ultra-conservadora”), a quem a folha republicana acusa de não responder às críticas, mas somente:

“bate sempre na mesma tecla fanhosa para dizer machinalmente que a folha ultra-democratica declama” [“declamar”, claro, no sentido de emitir impérios e escrever coisas sem nexos (Houaiss)].

A metáfora da tecla é compreensível, pois, como dissemos, o piano era peça muito presente na vida do Rio de Janeiro no século XIX. Lemos em Carlos Pentead de Rezende:

O piano triunfara no Rio de Janeiro. Já em 1836 o botânico inglês George Gardner podia afirmar da cidade: «Music is very much cultivated, and the piano (...) has now become almost universal». E os missionários protestantes Kidder e Fletcher, no livro «O Brasil e os Brasileiros», editado em Filadélfia em 1857, asseveravam: «Pianos, vêm-se abundantemente em cada rua, e ambos os sexos se tornam seus executantes consumados».

Por todos esses motivos, acertou em cheio Manuel de Araújo Porto Alegre ao apelidar em 1856 o Rio de Janeiro de A Cidade dos Pianos. Conceito justo, verdadeiro.

(“Notas para uma História do Piano no Brasil (Século XIX)”, artigo na Revista Brasileira de Cultura No. 6, Out-dez 1970, Ministério da Educação e Cultura, pp. 27-28).

Pouco após o surgimento de nossa expressão, é fundada no Rio de Janeiro (o No. 1 é de 04-01-1879) – pelo lendário pianista e empreendedor Arthur Napoleão e o talentoso violinista Leopoldo Miguez – a primeira revista dedicada à música no Brasil, a “Revista Musical”, semanário que trazia em todas as suas edições uma página inteira de anúncios de pianos:

ARTHUR NAPOLEÃO & MIGUEZ
89, RUA DO OUVIDOR, 89
GRANDE DEPOSITO DE PIANOS E MUSICA

N'este importante e novo estabelecimento encontrará sempre o respeitavel publico, um completo sortimento de Pianos de PLEYEL, ERARD, HENRI HERZ, GAVEAU e BORD, bem como musica de todos os editores da Europa e America, para piano, rabeça, violoncello, flauta e outros instrumentos; musica para canto, orchestra, banda militar, etc., etc.

Pianista ou piano mechanic, tocando com a maior perfeição qualquer peça de musica.

Harmoniums dos mais acreditados fabricantes, para Igreja e para sala; bancos, estantes, isoladores, metronomos, diapasones, chaves de afinar cordas, castiçoes para pianos, papel para copiar musica, retratos de musicos celebres, e mais artigos concernentes a este ramo de negocio.

Partituras e partes de orchestra originaes. Tendo os Srs. Brandus, Choudens e outros editores de Paris feito um deposito n'esta casa das partituras e partes d'orchestra do repertorio buffo, podem estas ser alugadas aos Srs. directores de theatros lyricos por preço summamente commode.

Salão para Concertos musicas ou reuniões litterarias.

OFFICINA para concertar pianos, perfeitamente montada e com os mais peritos officiaes.

(meter o) Bedelho

Bedelho é uma daquelas palavras que ninguém usa (e poucos sabem o que significa), exceto na expressão “meter o bedelho” (intrometer-se, imiscuir-se onde não é chamado – Houaiss). O mesmo ocorre com outros vocábulos, como “bugalho”, palavra que só usamos na expressão “confundir alhos com bugalhos”, ou como base da fórmula: olhos esbugalhados”.

Bedelho, em seu sentido próprio, é “pequena tranca ou ferrolho de ferro, chato, que se assenta horizontalmente entre os batentes de uma porta, ou entre o

batente e a ombreira, e com o qual essa porta é aberta ou fechada, bastando levantá-lo ou baixá-lo” (Houaiss).

Talvez a função desse ferrolho esteja na base da metáfora: a de “fechar”, pela intromissão, uma conversa de terceiros: “meter o bedelho”, ou como também se dizia antigamente: “meter o seu bedelho”.

Seja como for, a expressão é muito antiga e, na BN, mais do que bicentenária:

(...) tem-me parecido algum negrinho forro (...) que aproveitando a maré em que todos dão à taramela, também elle metesse o seu bedelho.

(“Correio do Rio de Janeiro”, 11-09-1823)

Em tempo: “alhos com bugalhos” surge na BN em 1822.

(não) Brinca em serviço

Nos anos 50, o Brasil, país do lúdico, parece que começou a querer – ao menos no plano verbal – se levar a sério. Surgem, então, na BN as expressões “Aqui não é lugar para brincadeiras” (1950), “brincadeira tem hora” (1954) e “não brincar em serviço” (1951).

Um dos sentidos de “brincar” é o de fingir, não ter realidade: quando se brinca de mocinho e bandido, não há tiros de verdade, mas só de mentirinha, de brincadeira. Se o duro sargento manda a tropa cavar trincheiras, ai de quem não cavar “a sério”, para valer, e fingir, “de brincadeira”, que está cavando. Afinal, aqui (o quartel) – como sempre repete o sargento – não é lugar para brincadeiras e, quando muito, brincadeira tem hora.

A expressão “não brincar em serviço” indica que alguém “é ágil e esperto na tomada de providências, na resolução de questões, em executar um trabalho etc.” (Houaiss). Como o português brasileiro tem o finíssimo requinte de chamar o trabalho de serviço, a expressão origina-se no empenho de um profissional (não é “coisa de amador”) ao exercer seu ofício – ensinar, varrer, cantar, engraxar..., ou o que for – com competência e seriedade. Mas o lúdico não se deixa vencer por palavreados. Nem bem foi criada a expressão, já surge um sambinha, “Não brinco em serviço”, que diz:

Eu não posso ver mulher (...)
Mulher solteira...
Mulher casada...
Mulher sem nada...
Tudo é mulher...
Caiu na rede...
Sem compromisso...
Papai aqui não brinca em serviço
(“Última Hora” RJ, 31-12-1952)

Bulhufas

“Eu, hein?”, “Deixa para lá”, “Vou te contar”, “Em rio de piranha, jacaré nada de costas” e diversas outras expressões nossas foram criadas pelo genial cronista (e frasista) Stanislaw Ponte Preta (1923-1968)².

². Como se pode ver no notável artigo de iniciação científica “Stanislaw Ponte Preta: criador de expressões brasileiras” (<http://www.hottopos.com/rih63/45-56JvStanislawF.pdf>), dos jovens pesquisadores do Colégio Luterano São Paulo e do Centro de Estudos Júlio Verne: Thamires

Ao que parece, também é da lavra de Stanislaw a expressiva palavra “bulhufas”, para significar – como se sabe – “nada, coisa alguma”. Sua primeira aparição na BN dá-se em 23-05-1959, em sua coluna “Poucas e boas” de “O Mundo Ilustrado” (RJ):

Existe – conforme vocês, pessoas esclarecidas, sabem – uma lei de proteção ao autor nacional. Lei que, aliás, não protege bulhufas.

“Bumba meu boi”, já ao nascer, alvo da “pauta de costumes”

As primeiras incidências de “Bumba meu boi” na BN situam a festa – em sua absoluta maioria – em Pernambuco. A expressão surge na BN em 16-02-1831, que a liga aos festejos de Reis-Epifania (“Sentinella da Liberdade” BA).

Desde seus primórdios, o folguedo popular foi alvo de duras críticas, especialmente por parte do periódico pernambucano “O Carapuceiro”, folha moralista fundada por Frei Miguel do Sacramento Lopes Gama, o “Padre Carapuceiro”.

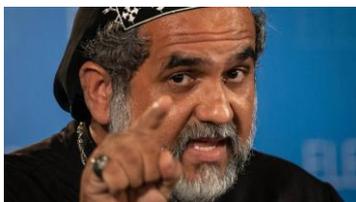
Em sua edição de 22-02-1834, “O Carapuceiro” publica um longo artigo, atacando ferozmente a “folgança”. Esse artigo será reproduzido no mesmo periódico e em outros nos anos seguintes. Seis anos depois, em 11-01-1840, todas as 4 páginas da edição de “O Carapuceiro” reproduzem aquele artigo. A invectiva começa pela crítica estética:

De quantos recreios, folganças e desenfados populares há neste nosso Pernambuco, eu não conheço um tão tolo, tão estúpido e destituído de graça, como o aliás bem conhecido *bumba-meu-boi*. Em tal brinco não se encontra um enredo, nem verossimilhança, nem ligação: é um agregado de disparates.

Um negro metido debaixo de uma baeta é o boi; um capadócio enfiado pelo fundo dum panacu velho, chama-se o cavalo-marinho; outro, alapardado, sob lençóis, denomina-se burrinha; um menino com duas saias, uma da cintura para baixo, outra da cintura para cima, terminando para a cabeça com uma urupema, é o que se chama de caipora; há além disto outro capadócio que se chama o pai Mateus. O sujeito do cavalo marinho é o senhor do boi, da burrinha, da caipora e do Mateus.

Todo divertimento cifra-se em o dono de toda esta sucia fazer dançar ao som de violas, pandeiros e de uma infernal berraria do tal bêbado Mateus, a burrinha, a caipora e o boi (que com efeito é animal muito ligeirinho, trêfego e bailarino).

Mas o pior, o que se considera imperdoável, é que apareça a figura de um sacerdote, como se fosse um sacrilégio esse *personagem* caricatural em uma festa popular, como aliás, hoje, nas festas juninas – também nas das paróquias – aparece um padre bufão, como naquele célebre “meme” da senadora Soraya Thronicke, chamando o bizarro candidato Padre Kelmon, de “padre de festa junina”, no dia 29 de setembro de 2022, durante o último debate do primeiro turno das eleições presidenciais.



<https://veja.abril.com.br/politica/padre-kelmon-lanca-foro-de-direita>

Santana, Heitor Santana, Vitor Semmler, trabalho que teve por orientador o Prof. Dr. Alexandre Medeiros.

Até aqui não passa o tal divertimento d'hum brinco popular, e grandemente desengraçado: mas de certos annos para cá não há *bumba meu boi*, que preste, se nelle não apparece hum sujeito vestido de Clerigo, e algumas vezes de roquete, e estola para servir de bobo da função. Quem faz ordinariamente o papel de Sacerdote bufo he hum brejeirote despejado, e escolhido para desempenhar a tarefa até o mais porco, e nojento ridiculo. Em hum paiz Catholico Romano consente-se, e aplande-se, que na maior publicidade sirva de bobo hum bandalho disfarçado em Sacerdote, e com as ves-

Ao contrário dos sisudos apocalípticos moralistas, incapazes de discernimento de uma inocente brincadeira, o bom senso do povo, já naquela época, há quase 200 anos (!), tal como hoje a senadora Thronicke, apelidava sacerdotes ridículos de “padre de bumba meu boi”. Falando de sacerdotes mal formados – “Padrecos e Frades de mão furada”, o articulista, dirigindo-se a um desses clérigos, diz:

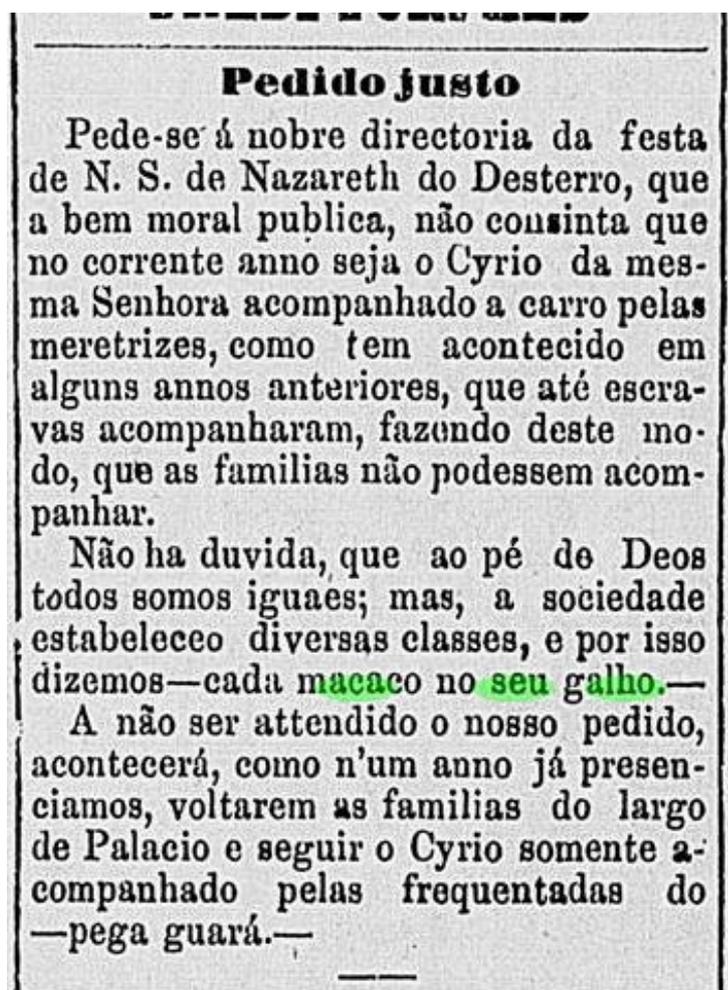
V. Reverencia não passa d'hum libertino, d'hum Padreca de “bumba meu boi” ou d'hum Fradinho de sabugo.
(Correio Sergipense, No. 186, 1840)

Mas a fúria inquisitorial, que não perdoa a alegria das festas populares, teve enorme difusão, em diversas matérias e reproduzindo aquele libelo contra o “bumba meu boi” outras vezes na imprensa: “Diario de Pernambuco” (11-02-1840) e “O Despertador” (RJ, 17-03-1840).

Felizmente, os moralistas hipócritas passam... E o “bumba meu boi”, em suas variadas formas, passados 200 anos, continua hoje vivo e vibrante em todo o Brasil.

Cada macaco no seu galho

O provérbio ingressa na BN em 1877 e logo de cara (de passagem: “logo de cara” é sesquicentenária na BN: “Diario do Maranhão” – 14-04-1874), aproximando-se a grande festa de Nossa Senhora, já se presta a legitimar – até em matéria religiosa! – preconceitos e graves injustiças e racismo:



(“O Liberal” PA, 03-10-1887)

O “pega guará” era um tecido barato (o metro custava o mesmo que 4 jornaizinhos de 4 páginas), que caracterizaria as mulheres que deveriam ser excluídas da procissão...

Cair de maduro (/podre)

Embora apareça na imprensa brasileira desde 16-02-1833 (“O Sete d’Abril” RJ), o exemplo acabado do bom uso da expressão vem na aparição seguinte na BN, esta da imprensa portuguesa:

O ministerio, deixá-lo, que elle está a cair de maduro, e sem que ninguém o abane não tarda a que venha a terra; ha-de morrer como a luz à mingoa d’azeite.

(“A Coallisão” Porto, 10-07-1843)

A expressão foi muito usada no jargão futebolístico, por exemplo, quando o jogador cai do nada (não foi empurrado, não tropeçou etc.): “O juiz deu pênalti, mas ninguém encostou no centroavante: ele caiu de maduro”.

Ou nesta crônica do “Jornal dos Sports” (RJ, 10-05-1957):

[o gol] custou a chegar. Amadureceu, amadureceu e só [saiu] “caiu de maduro” aos 31 minutos.

Embora de significado semelhante à anterior, a expressão “cair de podre” (na BN desde 1835 – “O Lapis” CE) acena para um elemento negativo: não só algo se tornou obsoleto (até passou da hora), mas já estava corroído em suas entranhas. Assim, em 1933, quando o futebol brasileiro amadureceu e teve que se tornar profissional, abandonando o pagamento por gratificações informais (“o bicho”), o “Jornal dos Sports” (RJ, 02-04-1933) noticia:

Caiu de podre o regimen do “bicho”...

Caiu na rede é peixe

A expressão é muito anterior à nossa época de Internet, quando passou a significar também que quando algo cai nas redes sociais, independentemente de ser válido ou não, escapa de qualquer controle.

Ela está na BN desde 1868, significando – para o bem e para o mal – que tudo é aproveitável, “o que vier é lucro” (expressão também muito antiga na BN: “Gazeta Universal” PE, 01-03-1836).

Assim, o jornal “A Família Maçonica” (RJ, 16-01-1875) noticia com esse título o fato de que os católicos (os maçons, na época, eram excomungados pela Igreja) aceitaram que a loja maçônica da cidade de Campanha doasse o dinheiro da reforma do altar da igreja de Na. Sa. das Dores: “caiu na rede é peixe!”.

A primeira aparição na BN da expressão – “Diario do Povo” (RJ, 24-06-1868) é no sentido negativo de oportunismo. Referindo-se à concorrência desleal de escolas que, subtraindo-se à lei, prejudicavam as que cumpriam as obrigações legais, diz o jornal:

Como poderão [as escolas corretas] sustentar-se, avisinhado com verdadeiros paraguayos [o artigo é escrito durante a guerra do Paraguay que, então, representava todo o mal], que lançando mão de todos os meios procurarão arredar-lhes os alunos e que, segundo o antigo anexim “tudo que vem na rede é peixe” e recebem-os a troco de qualquer pataca?

Uma curiosidade sobre a fórmula da expressão: durante cem anos prevaleceu praticamente absoluta a forma no presente ou no infinitivo: “tudo o que *cae* (cahe, cair, cahir, vem, bater) na rede...” e só depois da marchinha de imenso sucesso do carnaval de 1965, “Caiu na rede”, consolidou-se a formulação com o pretérito “caiu”.

Caiu na rede

(Vicente Longo / Waldemar Camargo)

Caiu na rede é peixe

Le-le-á

Eu não posso bobear

A maré tá cheia

ta-ta-ta

ta-ta-ta

Cheia de sereia

No anzol

Querendo se enfiar

Acontece que em provérbios as duas possibilidades são usuais e frequentes. Seguimos, por vezes, a tradição de ditados bíblica e árabe, na qual prevalece o uso do pretérito, com a certeza do passado afirmando a validade do presente e do futuro. Como quando dizemos: “Escreveu, não leu, o pau comeu” ou “Bateu, levou” (se escrever e não ler, o pau comerá; quem bater, levará).

Cara de um focinho de outro / farinha do mesmo saco / figuras da mesma comédia / miasmas do mesmo paul / vinho da mesma pipa

Já em 12 de março de 1845, o “Sentinella da Monarchia” (RJ), referindo-se à identidade política de diversos jornais, denunciava que são:

cara d’um, focinho d’outro.

Oitenta anos depois, o “Pacotilha” (MA, 14-10-1825), atacando adversários políticos, lança diversas expressões sinônimas, das quais só a da farinha vingou:

são figuras da mesma comedia, miasmas do mesmo paul, farinha do mesmo saco.

Essas eram expressões desde há muito tempo empregadas para indicar – com sentido de reprovação – que as pessoas de um grupo (especialmente os políticos) têm as mesmas características, são da mesma laia e se comportam de modo igual.

Se hoje praticamente só se usa a expressão com “farinha” (era usada por vezes também em latim, *ejusdem farinae*), a locução com “vinho” aparece em 1857, numa crônica que relata que um cidadão se queixou em vão a um subdelegado de polícia para reclamar de incontestáveis agressões que sofreu. E, em seguida:

o offendido recorreu ao delegado que era o Sr. capitão Souza (...), vinho da mesma pipa; e nenhuma providência se deu.
(Diário do Rio de Janeiro, 06-08-1857).

Durante cem anos, o uso de ambas expressões é muito frequente, mas, a partir da segunda metade do século 20, prevalece claramente a que cita “farinha”. Na década de 90, encontramos na BN 300 incidências desta contra minguadas 14 aparições da expressão com “vinho”. Talvez isso tenha se dado porque o saco de farinha continuou visível aos olhos de todos, enquanto o vinho passou a ser consumido em garrafas de marca e não mais vendido no armazém por extração da pipa.

Carro na frente dos bois

Imagem antiga, do tempo em que “o carro” era somente o carro de boi, surge na BN em 1884, em reprimenda a vereadores que pretendiam legislar sobre dimensões de portas e janelas das casas em vez de estabelecer:

Ruas espaçosas, bem alinhadas (e então, sim) às casas elas se transformarão. Não queiramos collocar o carro à frente dos bois.
(“A Federação” RS, 08-05-1884).

(aqui não é a) Casa da sogra

A expressão para impor limites ao “folgado”, abusado, espaçoso, é antiga na BN: sua primeira aparição dá-se quando incluída em uma coletânea de “locuções populares” do articulista Mirandola em “O Globo” (RJ), de 08-12-1881:

Olhe que isto aqui não é a casa da sogra!

Cereja do bolo / Azeitona na empada

Como fazer para indicar que algo é o toque final, o detalhe especial que torna algo ainda melhor ou mais completo?

Desde meados do século XIX a metáfora tem sido (fechar com) “**chave de ouro**”, originalmente o último verso de um bom soneto ou de uma matéria escrita:

O soneto [mandam os mestres] abrir com chave de prata e fechar com chave de ouro.

(“Diário do Rio de Janeiro”, 25-05-1867)

O *Constitucional* sabe concluir os seus artigos com uma feliz inspiração, é o que se chama fechar com chave de ouro.

(“Diário de Minas”, 20-02-1868)

Usa-se também – tomada da arte musical: o último movimento de uma composição – o “**gran finale**”.

Na segunda metade do século XX, surgiram expressões tomadas de arte mais modesta, a culinária caseira: “cereja do bolo” e “azeitona da empada”.

A metáfora da “cereja do bolo”, surgida nos 80 e hoje empregada somente como o detalhe da coroação, em seus primeiros tempos ainda podia ser usada para indicar algo como meramente adicional:

O romance não é impescindível em nossas vidas. Ele é o *extra*, a cereja do bolo.

(“Manchete” RJ, ed. 2122, 1992)

Também a azeitona, a vedete da empada, tornou-se expressão na década de 50, na fórmula “pôr (ou botar) azeitona na empada (de alguém)”: favorecer – talvez de modo indireto ou inesperado – alguém: “A vitória do Fortaleza sobre o Santos botou uma azeitona na empada do Bahia: salvou-o do rebaixamento”.

E o “Diário Carioca” de 03-04-1958, referindo-se à orientação da Rádio Nacional de proibir seu elenco de participações fora da emissora, comenta:

Quem quiser bons artistas que os contrate. O que não está certo é a Nacional ficar botando azeitona na empada dos outros.

No sentido contrário, para finais inglórios e frustrantes temos “morrer na praia”, na BN desde 1962:

[O Flamengo fez brilhante campanha no campeonato], mas, segundo Gradim, “nadou, nadou, nadou, para morrer na praia.

(“O Jornal” RJ, 14-12-1962)

(não) Cheira nem fede

“Cheirar”, isolado, pode estar na valoração neutra (entre o cheiro bom ou mau) ou pender para este último: “exalar odor desagradável – ‘sem tratamento a ferida já começava a cheirar” (Houaiss). Porém, na expressão “não cheira nem fede” (ser insípido, apagado, medíocre – Houaiss), trata-se de bom aroma, em oposição a “fede”, como dizem já as duas primeiras aparições na BN:

Dizem alguns jornaes que a situação do Brazil não cheira ainda a belligerancia [o país só entraria na Guerra quatro meses depois].
Grande descoberta! O Brazil *não cheira nem fede...*
 (“O Pharol” MG, 21-06-1917)

A perpetua, si cheirasse,
Era rainha das flôres;
Como não cheira nem fede
Por isso não tem amores
 (“O Estado” SC, 08-06-1918)

É fato muito natural que na nossa e em tantas culturas, a conduta seja comparada a cheiros. No caso árabe, há mesmo uma identificação, como no delicioso provérbio:

O pai dele é alho; a mãe, cebola.
Como pode ele cheirar bem?

Na indefectível imersão no concreto imaginativo do pensamento oriental, a conduta é o aroma . O árabe, ainda hoje, diante do filho que lembra os pais, diz: “*Min riḥat umuhu*” - ou “*abuhu*” -, do aroma de sua mãe (ou pai) e, há dois mil anos, o apóstolo Paulo (cfr. 2 Cor 2,15) escrevia que os cristãos devem ser “*bonus Christi odor*”. Assim, o provérbio refere-se, de modo concreto, ao papel da família em relação ao comportamento dos filhos (bom/mau; cheira/fede), enquanto o ocidental fala em abstrato: “herança de berço”, “má-criação”, “má-educação” etc.

No século XXI, a expressão “não cheira nem fede” entra em declínio e sua última aparição na BN dá-se em 2003.

Chover no molhado

Esta expressão é bicentenária em nossa imprensa. E a empregamos hoje para expressar algo óbvio e por todos sabido, no sentido de “É tão evidente que nem seria preciso dizer”. Nesse sentido, lemos em “O Malho” (RJ, 09-01-1904), comentando uma notícia que dizia que estatísticas sobre crimes de morte provam que são praticados por elementos que andavam armados.

Já ouvimos fallar em chover no molhado; que o assucar é doce e que azedo é o limão; que das 6 da manhã às 6 da tarde é dia e que à noite ninguém põe os olhos no carão do sol! Agora, que os sujeitos que matam a revólver e a faca, é que naturalmente andavam armados... esta é que não ouvimos nem vimos Calino, nem la Palisse, nem outros conhecidos e reputados conselheiros Acacios dizer e publicar!

Mas era usada também no sentido de “ação inútil”, que não vai ter resultado algum” etc. Assim, o mesmo “O Malho” (RJ, 19-01-1907) diz que reclamar das

autoridades providências para evitar as calamidades das enchentes urbanas “é chover no molhado”.

Os dois sentidos antigos da expressão, já bicentenária na BN: “insistir no óbvio” (“Diario da Camara dos Senadores” RJ, 1826) e “propor ação inútil e utópica” (“Imperio do Brasil” RJ, 02-01-1828).

Chutar o balde

Se chutar já pode indicar desfazer-se (“quando se mudou, chutou uma quantidade de bagulhos” – Houaiss) ou ruptura (“chutou o namorado sem explicação” – Houaiss) “chutar o balde” é expressão para perder a paciência, desistir de algo abruptamente ou tomar uma atitude impulsiva sem se preocupar com as consequências.

A expressão surge na BN em 11-02-1987, no “Jornal dos Sports” (RJ). A renovação do contrato do jogador Gilmar estava sendo “enrolada” pelo Flamengo, que abusava da paciência do procurador do futebolista, seu pai:

– Meu pai já está cansado de tanta promessa. Ele vai à Gávea praticamente todos os dias e, como resposta, dizem-lhe para voltar depois. Daqui a pouco ele vai chutar o balde, pois não há ser humano que resista a essa maratona.

Um episódio curioso a propósito da expressão ocorreu em sua 3ª. aparição na BN (“O Fluminense” 13-10-1989). Desta vez foi literal: o técnico do Fluminense, Procópio Cardoso, ficou extremamente irritado com um grupo de torcedores que acompanhavam o treino do time, vaiando continuamente. Perdendo a paciência, Procópio insultou os torcedores, literalmente chutou um balde na direção deles e encerrou o coletivo.

Chutar o pau da barraca

Na mesmíssima linha de “chutar o balde”, poucos anos depois surge “chutar o pau da barraca”. Ao que tudo indica, quem divulgou a expressão por primeira vez na imprensa foi o então presidente da CUT, Jair Meneguelli, em célebre declaração, reproduzida por diversos jornais na BN, em 11-12-1990.

Tratava-se de uma difícil negociação entre o Governo e os Sindicatos. A CUT já havia decidido encerrar as negociações, mas o governo antecipou-se e Meneguelli fez a declaração, que foi o “batismo” nacional da expressão:

Vimos chutar o pau da barraca, mas eles não deixaram, chutaram antes. Não ficamos sequer com a glória de acabar com o pacto.
(p. ex.: “Jornal do Commercio” RJ, 11-12-1990).

Coisa do outro mundo

Sesquicentenária na BN, a expressão indica algo de incomum, surpreendente, extraordinário, excepcional. No mais das vezes, é usada no negativo, como em sua primeira aparição em nossa imprensa:

Em geral, pouco se pode esperar dos filhos: depressa esquecem todos os sacrificios do pae, e não seria uma coisa do outro mundo o Thomaz ser tambem ingrato.
(“Correio Paulistano”, 03-12-1878).

E pouco depois, o Jornal do Povo (RJ, 17-01-1879) fala da conveniência de dar prêmios aos leitores que resolvam as charadas, como é o caso do Sr. João de Gôa,

que decifrou as de ontem (que vamos e venhamos não eram lá coisa do outro mundo).

Note-se a forma “vamos e venhamos”, já presente na BN desde 1825.

Empregada quase sempre no negativo, nas poucas vezes em que é afirmativa a expressão refere-se a coisas realmente surpreendentes, como o carro “com toilette a bordo”, que circulou um dia pelo Rio (“O Cruzeiro” RJ, 17-05-1958), ou – aí mais propriamente – para a beleza de alguma mulher especialmente atraente, como a deslumbrante “Christina Bebiano, uma coisa do outro mundo” (“O Cruzeiro” RJ, 05-09-1966).

Do mesmo modo, na famosa marchinha do Carnaval de 1931, “O teu cabelo não nega” (hoje banidíssima), Lamartine Babo dizia:

Quem te inventou, meu pancadão
Teve uma consagração
A Lua te invejando faz careta
Porque mulata, tu não és deste planeta

Coquetel (cock-tail)

Cock-tail, no sentido de um “drink, consisting of spirit mixed with a small quantity of bitters, some sugar, etc.” é, segundo o Oxford English Dictionary (acepção #3), gíria americana e a primeira citação no OED é de 1806.

Aparece na BN em 18-11-1872 (no “Diario de Pernambuco”) em publicidade do Hotel e Café Americano, anunciando que tem “gelo a todas as horas”, “ceias depois dos espectáculos” (e o enigmático aviso de que abre no dia 20 de novembro!) etc.



A partir do sentido básico, como acontece frequentemente na linguagem, “coquetel” vai por analogia ganhando outros significados, como por exemplo, o de qualquer mistura, como a de legumes e frutas, que os liquidificadores Walita anunciavam ainda em 1949:



“O Cruzeiro” RJ, 28-05-1949

Ou a revista “Coquetel” de palavras cruzadas, que traz também “misturados” outros passatempos, como “sudoku”, “caça-palavras”, “jogo dos 7 erros” etc.

Do mesmo modo, “coquetel” pode significar os petiscos que acompanham o drink, como o “coquetel de camarão” ou mesmo a bolacha “Coquetel”, sobre a qual se aplicam os patês associados à bebida alcoólica.

“Coquetel” é também o todo de uma festa, na qual os coquetéis (stricto sensu) são só uma parte do que é servido (ou nem isso: pode haver um “Coquetel de lançamento”, somente com vinho). Para não falar do Coquetel Molotov ou dos “coquetéis” de medicamentos, que combinam vários deles, como o AZT para aids...

Se originalmente, a palavra “coquetel” tem seu “logoi”, suas “razões” que o definem, por compartilhar de algum de seus logos, formam-se vocábulos análogos, como os acima apontados.

Dedurar

A linguagem acompanha a realidade social. Não foi por acaso que o verbo “dedurar” surgiu nos primeiros tempos do regime militar de 1964. Provavelmente, a primeira aparição de “dedurar” na BN – e mesmo a criação do vocábulo – deram-se na coluna de Stanislaw Ponte Preta (que cunhou tantas expressões para a linguagem popular) na “Última Hora”. Na edição de 23-11-1965, Stanislaw falando do caso de um enfurecido namorado, que se sentiu ofendido porque um sujeito estaria dando em cima de sua amada, ameaçou-o:

Se te pego de novo com ela, não sei se te dou uma bolacha ou se vou num cartório te dedurar pro Juraci, com firma reconhecida.

O Juraci, no caso, era Juraci Magalhães, então recém-nomeado Ministro da Justiça de Castelo Branco...

Desculpa esfarrapada

Expressão consagrada e muito frequente é já quase bicentenária na BN: sua primeira aparição foi no “Nova Luz Brasileira” de 11-06-1831.

A metáfora é clara: os andrajos que revestem a frágil desculpa, permitem muito bem ver sua nudez por detrás dos trapos.

Ainda recentemente, a imprensa falou de “desculpa esfarrapada”, a propósito do depoimento de 15 de julho de 2021 de Daniel Silveira à PF, no qual: “apresentou os motivos pelas quais descumpriu dezenas de vezes a ordem de usar tornozeleira eletrônica, o que motivou a volta do deputado federal bolsonarista à prisão”:

Entre as justificativas que apresentou, Silveira alegou —acredite se quiser— que seu cachorro roeu o carregador do equipamento; que o uso de um anti-inflamatório provocava muito sono, o que o impedia de carregar o aparelho; e que falta luz frequentemente em Petrópolis, na região serrana do Rio, onde mora.

Pelo visto, “*o cachorro roeu o carregador da minha tornozeleira*” é a versão bolsominion da desculpa esfarrapada “*o cachorro comeu a minha lição de casa*”.

(<https://oantagonista.com.br/brasil/daniel-silveira-alega-a-pf-que-cachorro-roeu-o-carregador-de-sua-tornozeleira/>)

No sentido oposto, o site wikiHow oferece uma lista de 20 sugestões de linhas de boas desculpas e justificativas para faltar ao trabalho (<https://pt.wikihow.com/Dar-uma-Boa-Desculpa-para-Faltar-ao-Trabalho-de-%C3%9Altima-Hora>). Recolhamos abreviadamente algumas delas:

1. Você não está passando bem.
“Minha alergia tá atacando hoje por causa da mudança no clima. Não tô conseguindo controlar os sintomas, então preciso tirar o dia.”
2. Você precisa cuidar do seu filho doente.
“Meu filho acordou com febre hoje de manhã, então preciso tirar o dia pra consultar o pediatra.”
5. Você tem uma consulta ou emergência dentária.
“Adiantaram minha consulta com o dentista pra hoje, então não vou conseguir trabalhar.”
11. Você acabou de doar sangue.
“O enfermeiro que coletou meu sangue disse pra eu ficar em casa porque vi que eu tava fraco depois da doação.”
12. Você tem uma consulta ou emergência veterinária.
“Meu cachorro comeu alguma coisa no lixo e agora tá passando mal. Preciso ficar com ele em casa hoje.”
20. Você tem que respeitar um feriado religioso.
“O Yom Kipur começa amanhã.”

Diminutivos e aumentativos

O Brasil tem seu próprio jeito (ou será nosso “jeitão”? ou jeitinho?) de lidar com os aumentativos e, nem digamos, com os diminutivos.

Primeiramente, recolho algumas considerações que teci (em de outro estudo) sobre o diminutivo.

No clássico *Raízes do Brasil*, Sérgio Buarque de Holanda faz a importante sugestão de estudar a linguagem para a compreensão do brasileiro – “Um estudo atento das nossas formas sintáticas traria, sem dúvida, revelações preciosas” – e o

próprio autor ilustra esse caráter revelador da linguagem com o uso dos diminutivos (uso certamente potencializado pela influência africana em nossa língua):

Nosso pendor acentuado para o emprego dos diminutivos. A terminação “inho”, aposta às palavras, serve para nos familiarizar mais com as pessoas ou os objetos e, ao mesmo tempo, para lhes dar relevo. É a maneira de fazê-los mais acessíveis aos sentidos e também de aproximá-los ao coração”.

(Raízes do Brasil, Ed. José Olympio, 1993, p. 108.)

Fomos educados a atenuar tudo com diminutivos. Assim, até alguns dos enormes e sangrentos espetos do rodízio de carnes são diminutivos, como *maminha* e *fraldinha*, e muitos outros se tornam diminutivos ao serem oferecidos, como *coraçõzinho* e *franguinho*, acompanhados tal vez de uma “caipirinha”, que sempre dá uma animadinha para manter aquele papinho. Até nossos criminosos e contraventores são afetiva mente designados por *Carlinhos Cachoeira*, *Fernandinho Beira Mar*, *Marcinho VP* e *Marcola*.

Esse uso exagerado dos diminutivos, no qual o Brasil é campeão mundial, não é comum em outros países: Ronaldo (Nazário), imediatamente ao chegar ao Barcelona, deixou de ser “*Ronaldinho*” (muito esquisito para ouvidos espanhóis) e se tornou simplesmente Ronaldo. O estranhamento para com o diminutivo aparece em uma conhecida piada espanhola sobre os mexicanos (o mexicano, como o brasileiro, é tipo do usuário de diminutivos):

O mexicano entra no retaurante e pede:

– *Camarero, pues quiero un pollito con salsita de mayonesita y dos panecitos y agüita y...*

O garçon puxa o revólver e diz:

– *Un diminutivo más y le abraso. ¿Qué más quiere?*

O mexicano emudece.

– *¿Qué le pasa? ¿No va a seguir? Qué más quiere?? ¡¡Digame!!*

O mexicano continua emudecido.

– *¿¿Qué más quiere?? ¡¡Digame!! ¿¿Qué le pasa??*

– *Es que he perdido el “apeto”.* [“apetito” poderia parecer fatal diminutivo]

Estamos tão acostumados ao diminutivo que nem nos damos conta dos exageros, que nos parecem simpáticos, carinhosos e normais. Uma experiência nesse sentido é assistir a um vídeo de receitas da apresentadora de TV Cátia Fonseca, muito simpática e espontânea. Transcrevo a seguir trecho de um dos vídeos, *Manjar de coco dos deuses com calda de ameixa*, de 12 de maio de 2020:

Eu gosto de colocar um pouquinho de coco seco ralado, umas duas colherzinhas, três colherzinhas (vai mexendo a massa). Se você quiser, você pode dar uma olhadinha. Ah, tá do jeitinho que eu gos to. (...) Passar para a forma. Só dei uma umidecidinha com água e aí a gente vai virando a panelinha (...). Se quiser fazer em potinhos, fica bem gostosinho também. (...) Coco ralado na frigideirinha (...) vai ficar bem douradinho. Não deixa parado porque ele passa do ponto rapidinho. Deixa ele ficar moreninho: uns ficam moreninhos, outros ficam branquinhos (...). A gente aqui em casa gosta mais da calda assim cremosinha, mais líquida, porque a gente põe uma tacinha com a

caldinha, aí você vai comendo e pondo mais caldinha, mas se quiser mais grossinha, fique à vontade.

Provavelmente por influência africana, o brasileiro emprega o diminutivo até como aumentativo. No quimbundo, a língua angolana que mais influenciou o português do Brasil, as palavras da décima classe, a importante classe dos diminutivos, têm como classificador (primeira sílaba) o vocábulo *ca*: “carimbo”, por exemplo, é uma “marquinha”.

No quimbundo (e em outras línguas bantu) as palavras da décima classe (diminutivos) podem também ser aumentativos. Por exemplo, a palavra *kalunga*, conhecida nossa, é apresentada pelo filósofo e linguista ruandês Alexis Kagame como um dos diversos nomes conferidos a Deus nas línguas bantu: *lunga* (*ku-lunga*) é juntar, e assim Deus é o diminutivo/aumentativo: aquele que, por excelência, junta, o “juntadorzão” (não esqueçamos que, em nossa tradição cristã, o diabo, *diábolos*, é aquele-que-separa).

Antes de ficarmos perplexos ante a dúvida de se Deus é juntador (zinho ou zão), recordemo-nos de que nós mesmos usamos o diminutivo como aumentativo. Quando o pão de queijo acaba de sair do forno e está em sua máxima temperatura, dizemos: “Aproveita que está quentinho”. Se o filho é idêntico ao pai, é “igualzinho”. A moça extremamente apaixonada está “caidinha” pelo rapaz e o jogador que maximamente pontua no basquete é o “cestinha”. Uso que é de influência africana ou, ao menos, por ela potencializada.

Se o Brasil é campeão mundial de diminutivos, eles não servem só como veículo de nossa afetividade, mas também para, em alguns casos, expressar visão depreciativa de algo. Neste caso, além da forma em *-inho* cabe também a terminada em *-eco* (na imensa maioria dos casos insultuosa).

Como qualificar, por exemplo, aquele árbitro que teve o desprazer de dar um – totalmente desnecessário – cartão para Lionel Messi em 18-07-2010 em um jogo beneficente em Indaiatuba(!), promovido por seu amigo Deco?



<https://ge.globo.com/futebol/selecoes/argentina/noticia/2022/12/17/role-aleatorio-o-dia-em-que-messi-parou-cidade-do-interior-de-sao-paulo-e-levou-ate-cartao-por-gol.ghtml>

Chamar esse árbitro de “juizinho arrogante” é pouco: o melhor, no caso, seria: “juizeco de m&@#”. O mesmo, se se trata de sacerdotes desvirtuados, “padreco”, como vimos usado já em 1840 (cf. verbete “Bumba meu boi”, no artigo anterior). Podemos ajuntar outros casos: jornaleco, livreco etc.

E, desde meados do século XIX, dispomos – embora só exista como diminutivo plural e não conheçamos sua etimologia – da palavra “pandarecos”, muito

mais expressiva do que “pedacinhos”. Sua primeira aparição na BN dá-se em 21-10-1847 em “O Bem Tevi” (MA):

Corre veloz como um raio
Traz o mundo em pandarécós

Em casos como o de Indaiatuba, caberia também “juizão”, no sentido de que ele detém (especialmente em tempos anteriores ao VAR) poder arbitrário e absoluto: “O centroavante caiu do nada na grande área e o juizão [e só ele] viu pênalti”.

No caso dos aumentativos, além do uso óbvio de “aumentar”, eles podem, em alguns casos, indicar uma propensão ou tendência: “fujão” é quem está constantemente fugindo; “brigão” é quem tende a se envolver em brigas; “cagão” é o habitualmente covarde; e temos também comilão, beberrão etc. E o “jeitão” é a aparência, o modo habitual, característico ou peculiar de agir.

A forma em –aço pode ser mais expressiva do que a em –ão: filmaço prevalece sobre filmão, jogaço sobre jogão, golaço e frangaço ofuscam possíveis correspondentes em ão. Para não falar em buzinaço e panelaço. Uma curiosidade: desde o final do século XIX, conviviam como sinônimas “estardalho” e “estardalhaço”, mas sempre esta última foi muito mais usada e – sendo sonoramente mais forte – acabou por eliminar “estardalho”: como em um tirombaço, reduziu-a a estilhas, ou melhor, a estilhaços... Uma pessoa importante é um figurão, mas alguém incomum pelo modo de se comportar ou vestir é uma figuraça.

E, claro, os aumentativos podem, muitas vezes ser usados para acentuar o negativo como em porcalhão, paspalhão, bobalhão, espertalhão, dramalhão, trapalhão etc.; em outras, como intensivo de positivo: mulherão ou mulheraça, loiraça e, como já vimos, filmaço, golaço etc.

Em alguns casos, o aumentativo pode conter – tal como os diminutivos – uma carga afetiva: nossos queridos amigos podem ser Marcão/Marquinhos, Rubão/Rubinho, Ronaldão/Ronaldinho etc. E entre homens, vocativos como “parceirão” ou “amigão” soam melhor do que “parceirinho” ou “amiguinho” (mais adequado para crianças).

Só muito recentemente, porém, os aumentativos ingressaram na esfera afetiva mais íntima, desde sempre domínio dos diminutivos: mãezona, paizão, filhão.

Claro que, nesses casos, com um toque de significado não totalmente idêntico ao de “mãezinha” etc. Mãezona pode enfatizar a plenitude do papel de mãe, especialmente no que se refere ao cuidado, à vigilância e à proteção. Do mesmo modo que “paizão” e “maridão” destacam o aspecto de provedor dessas figuras masculinas, e o Ceará Sporting Club (fundado em 1914) honra sua antiguidade como “vôzão”. Filhão, em vez de filhinho, abre-se para as qualidades do filho e seus primeiros êxitos nos estudos, nos esportes, nas conquistas amorosas: “Boa, filhão, primeiro da classe novamente”, “Meu filhão/garotão classificou-se para as quartas de final da Olimpíada escolar de xadrez” Etc.

“Mãezona” aparece na BN em duas passagens isoladas da coluna de humor “Pif-Paf” da famosa revista “O Cruzeiro”: em 27-11-1948 e em 19-09-1959, esta última no sentido que tem até hoje:

Disse a mãezona – Minha filha, você não acha que... esse vestido... está muito decotado?

Seguem-se zero incidências da palavra na BN nos anos 1960; 3 minguadas, nos anos 1970; para firmar-se com mais de 100 nos anos 1980 e, a partir daí, firma-se definitivamente na linguagem usual. A pesquisa para “filhão” e maridão” é mais

difícil pois a BN por vezes os confunde com “filho” e “marido” mas, ao que parece, esses vocábulos seguem, *grosso modo*, o quadro de datação de “mãezona”.

Docinho de coco / favinho de mel

Em nossa cultura, historicamente lambuzada em açúcar, o doce integra diversas expressões, como para designar a amabilidade de uma pessoa (“Ela é um doce”) ou como a de tipo para prêmio: “Quem adivinhar ganha um doce”. E se queremos enfatizar podemos dizer “docinho de coco”, especialmente aplicável a crianças ou mulheres (ressaltando, em alguns casos, sua beleza e a atração que exerce).



(“Suplemento Juvenil” RJ, 31-12-1942)

Essa expressão aparece por primeira vez na BN em “A Encrenca” (RS, 29-11-1914), na seção de Charadas, prometendo, a quem “encontrar a decifração”, “um docinho de coco”. A mesma ideia dessa recompensa reaparece algumas vezes na BN (p. ex. em “A Manhã” RJ, 26-01-1933).

Em “O Jornal” (RJ, 31-05-1921), Messias Nery de Andrade investe furiosamente contra um desafeto e começa ironicamente por chamá-lo de “meu docinho de coco”, mas junta... “azedo”!

Em “A Tribuna” (RJ, 18-09-1938), encontramos um dos tantos diálogos nos quais o homem se dirige à amada como “meu docinho de coco”; expressão que, no mesmo jornal (02-07-1939), é empregada para criança: “Robertinho é o docinho de coco da mamãe!”.

Virginia Mayo, sensual atriz cinematográfica americana, foi chamada de “docinho de coco” (“Jornal dos Sports” RJ, 27-02-1947; “Diario de Noticias” RJ, 27-02-1947) não precisamente por sua gentileza, mas por outros atributos.

“Favinho de mel”, hoje em desuso, foi expressão sinônima de “docinho de coco”. Surgiu na BN em 1936 e era também aplicada a crianças, namoradas, boas notícias e a moças atraentes: sua última aparição (nesse sentido comum) na BN foi a propósito da cantora Lillian (da dupla Leno & Lillian, da “Jovem Guarda”), em suas “mini-mini” saias... (“Jornal dos Sports” RJ, 08-04-1967). Hoje em desuso na linguagem de convivência, a expressão continua como nome de creches, escolas infantis, marcas de doces etc.

Para seu desaparecimento da linguagem comum, além da obsolescência normal que pode afetar termos da linguagem – além do mais, não encontramos favinhos de mel em nosso cotidiano – está possivelmente sua associação com o “Caso Cláudia”.

Como insistentemente lembrado, na época, pela revista “Manchete”, “favinho de mel”, era o apelido familiar carinhoso de Cláudia Lessin Rodrigues, que, em 1977, foi vítima de célebre homicídio hediondo que traumatizou o país e deu origem a livros e ao filme “O Caso Cláudia”, de 1979 dirigido por Miguel Borges. “Não houve mistério mais discutido pela imprensa e pelo Brasil do que a morte de Cláudia”, sumariza a Wikipedia no verbete “Caso Cláudia” (https://pt.wikipedia.org/wiki/Caso_Cl%C3%A1udia).

Dormir no ponto

A expressão é da década de 30 e originou-se nos “pontos de táxi” de então: os carros de aluguel ficavam em fila esperando os passageiros e se – ao longo da espera – o primeiro motorista sucumbisse a uma soneca perderia o freguês, que se dirigiria ao taxista seguinte.

“Dormir no ponto” logo passou a significar qualquer descuido que levasse a perda de oportunidade e virou até uma espécie de provérbio. Assim, por exemplo, em 30-04-1948, o “Jornal dos Sports”, criticando uma gafe de um automobilista português no “Circuito da Gávea”, escreveu:

Não durma mais no ponto. Quem dorme no ponto é “chauffeur” de táxi”.

A primeira aparição da expressão na BN é acompanhada de uma ilustrativa foto:



“O Globo Sportivo” RJ, 14-01-1939

Inúmeros municípios brasileiros, ao estabelecerem a regulamentação das licenças de taxistas, incluem na legislação a proibição de “dormir no ponto”. Cf., p. ex.: www.camaracuritibaanos.sc.gov.br/proposicoes/Leis-ordinarias/2009/10/0/1926.

Encher linguiça

Se hoje a expressão se restringe a escrever (ou falar) desnecessariamente de forma prolixa, apenas para alongar o texto/fala, inicialmente ela indicava também qualquer forma de enrolação, de atividade vazia.

Assim, por exemplo, ainda nos anos 50, encontramos os seguintes usos. Reclamando do excessivo número de cavalos que competiam em uma corrida, diz a “Gazeta Esportiva” (SP, 40-08-1957):

Porque, convenhamos, vários dos alistados só irão mesmo “encher linguiça”, como se diz na gíria. Ou, melhor dizendo, só irão atrapalhar.

E o “Jornal dos Sports” (RJ, 11-01-1955), comenta que com o calor de 38 graus à sombra, o clássico Flamengo x Vasco, como era de esperar (e de fato ocorreu), só dava para meia hora de jogo de verdade:

Depois o prego tomaria conta da moçada. E então, o remédio seria encher linguiça da melhor maneira.

Os exemplos de esporte não foram por acaso: um indicativo de que o uso da expressão se especializou no âmbito do escrito/falado é que nos anos 80 “encher linguiça” já não aparece nos jornais esportivos, onde imperavam ainda nos anos 70.

No sentido mais amplo, acima referido, a expressão ocorre na BN desde meados do século XIX. Por exemplo, referindo-se à queda de políticos corruptos, diz um missivista de “O Cinco de Janeiro” (RJ, 06-10-1878):

Mamaram muito, mamaram demais: agora vão encher linguiça, que é serviço leve.

E “O Malho” (RJ, 04-10-1902) comenta que o Congresso funciona oito meses, para:

durante elles, a opposição encher linguiça e tocar realejo, enquanto os governistas passeiam pela rua do Ouvidor.

Entregar de bandeja / de mão beijada

Na Bíblia encontramos duas festas de aniversário: a do faraó do Egito (Gn 40, 20) e a de Herodes (Mt 14, 6). Esta acaba com a trágica execução de João Batista. Herodíades, cunhada de Herodes, vivia maritalmente com ele, e João criticava o tetrarca por isso, mas este poupava a vida de João porque o povo o considerava um profeta.

Na festa de Herodes, Salomé, filha de Herodíades, dançou e encantou o aniversariante, que lhe prometeu dar-lhe o que ela pedisse. A moça, instruída pela mãe, falou: “Dá-me numa bandeja a cabeça de João Batista”.

Esse episódio bíblico é, provavelmente, a base para a expressão “entregar de bandeja” (inicialmente na BN, por vezes complementada por “de prata”): entregar facilmente, espontaneamente, sem a resistência que seria de esperar, “de mão beijada”. A primeira aparição na BN está em uma carta de Jânio Quadros a Kennedy, suspeita de manifestar adesão aos planos belicistas dos EUA “em defesa do hemisfério”:

[Jânio] mandou também entregar, em bandeja de prata, uma carta ao Sr. Kennedy. Quais seriam os termos desse documento, que tanto encorajou o presidente dos Estados Unidos em sua atual demonstração de desrespeito à autodeterminação dos brasileiros?
 (“A Luta Democrática” RJ, 16-07-1961).

A expressão de significado semelhante, “De mão beijada” (referência a beijar a mão em reconhecimento de uma doação – Houaiss), está na BN desde 1830, quando o “Diário de Pernambuco” (17-11-1830) denuncia que fundos públicos são “dados de mão beijada ao filho Prodigio”.

(3) Expressões espanholas e *otras cositas más*

Otras cositas. Algumas importações de expressões espanholas são surpreendentemente muito antigas e arraigadas entre nós. Por exemplo, a forma mais sugestiva para dizer “et cetera”, “e outras cositas más”, conta com mais de 300 incidências na BN, continuamente desde a primeira, surgida em 1863 (!) – no No. 2 do “Bazar Volante”, folha dominical carioca –, até hoje.

Um exemplo dos primórdios da expressão na BN. O No. 500 da folha domiical “Semana Ilustrada” (RJ, 1869), referindo-se ironicamente a um minucioso purista gramatical, Manuel Mendes, a propósito de uma dúvida sobre correção de uso, diz:

Elle, que entende tanto destas pieguices de palavras, syllabas, letras, e de outras *cositas mas*, bem póde dar-nos uma succulenta prelecção a tal respeito.

Claro que a expressão pode ter um toque picante ou malicioso, como no caso do estudante que convida a colega para ir à casa dele: “para ver sua coleção de selos, estudar para a prova e... outras *cositas mas*”. Ou a referência maldosa ao chefe da firma: “Vocês não sabem, mas nas horas vagas ele faz bordados, balé e... outras *cositas mas*”.

Pero que las hay, las hay. O humor espanhol sabe lidar muito bem com o *nonsense* e produziu o maior humorista do mundo no ramo, o genial Eugenio. Por exemplo, uma das melhores piadas nesse sentido, Testemunhas de Jeová batem à porta e ouvem do morador:

Mirad chavales, si yo no creo en la Iglesia Católica, que es la única verdadera, ¿cómo voy a creer en las tonterías estas?

Na mesma linha do não crer-crendo, está a expressão, muito arraigada e citada no Brasil: “pero que las hay, las hay” (“Yo no creo en brujas, pero que las hay, las hay”). Sua primeira aparição na BN dá-se em uma entrevista do escritor Vianna Moog (“Vamos ler” RJ, 18-01-1940) quando perguntado se tinha superstições:

Respeito todos os abusões. Nesse ponto, sou como Sancho: “No creo en brujas, pero que las hay, las hay”.

Embora seja muito frequente o crédito de autoria a Sancho Panza, não foi possível confirmar isso no Quixote.

...Yo soy contra. É o desfecho de uma piada: o naufrago espanhol a duras penas atinge uma ilha e imediatamente pergunta a um habitante:

- ¿Hay gobierno en esta tierra?
- Sí, por supuesto.
- ¡Pues, yo soy contra!

Esse “sou contra” da anedota incorporou-se ao léxico brasileiro, desde sua primeira aparição na BN em: “O Dia” (RJ, 04-08-1944).

(2) Expressões italianas adotadas no séc. XIX

Para além de muitas outras (sobretudo tomadas de linguagens especializadas, como a da música) destacamos aqui duas expressões italianas que adotamos desde o século XIX.

Dolce far niente. Significativamente, é muito usada em nossa imprensa, desde sua primeira aparição na BN:

(...) me fez sahir de meu *dolce far niente*, para ir ver tal cousada de cavallinhos [o desconforto do teatro].
 (“Jornal do Commercio” RJ, 14-02-1849)

La dolce vita. Outra expressão que celebra o ócio e o folgar. Sua primeira aparição na BN é em uma poesia intitulada precisamente “*Dolce vita*”:

De ver agora tinha immensa dita (...)
Que alli adormecera – *Dolce vita*!
 (“O Rio-Nú” RJ, 16-06-1900)

Recebido para publicação em 22-05-25; aceito em 24-06-25